



TERÇAS VERMELHAS: RELATOS DE UM DIÁRIO VISUAL E SEUS PROCESSOS

Adriana Mendonça
FAV/UFG

Resumo

Este trabalho aborda produção poética de um Diário Visual, intitulado Terças Vermelhas, onde os registros em desenhos vermelhos foram pautados na minha proposta de pesquisa de doutoramento no Programa de Pós-graduação em Arte e Cultura Visual, intitulada: “Do morrer” e “do nascer”: diálogos possíveis a partir da gravura. O Diário se constitui a partir das observações da minha vida cotidiana onde busquei representar poeticamente as minhas percepções, meus afetos, meus conflitos e a minha forma de sentir o mundo que me cerca.

Palavras-chave: Diário Visual; desenho; cotidiano; afetividade.

Abstract

This paper discusses poetic production of a Visual Diary, titled Red Tuesdays, where the records were based on red drawings of my proposal for doctoral research in the Post Graduate Program in Art and Visual Culture, entitled: “The Die” and “The Born”: possible dialogues from the engraving. The diary is based on observations of my everyday life where I sought poetically represent my perceptions, my affections, my conflicts and my way of feeling the world around me.

Keywords: Visual Diary; Drawing; Everyday; Affection.

1 Diário visual: entre poéticas e narrativas do cotidiano

A elaboração do Diário Visual como processo criativo condiz com os novos entrelaçamentos propostos pelos estudos da Cultura Visual que leva para a arte e para a educação em arte uma maior atenção para a cultura e para o social, envolvendo questões de afetividade e sensibilidade. Abordar singularidades aponta para a valorização das pequenas narrativas do cotidiano, que poderíamos chamar de “micronarrativas”.

A partir da minha proposta de pesquisa de doutoramento no Programa de Pós-graduação em Arte e Cultura Visual, intitulada: “Do morrer” e “do nascer”: diálogos possíveis a partir da gravura, autores como Imanol Aguirre, Raimundo Martins, Irene Tourinho, Nestór García Canclini; Victor Flores, Fernando Hernández e Jacques Ranciére me ajudaram a pensar um processo de “criação” de um Diário Visual. Estes autores me encaminharam para a liberdade de falar e entrelaçar minha pesquisa ao meu cotidiano. Sendo assim, o ponto inicial são os registros e percepções de mim mesma, da minha subjetividade, onde procuro ampliar gradativamente e abrir para a inserção de outros espaços socioculturais, que também são afetivos, sensíveis e emotivos, e aos quais me incluo.



Durante várias semanas, especificamente, várias terças-feiras, fui acumulando fragmentos de hábitos e outros por menores através de desenhos e fotografias, além de frases curtas e pequenas anotações. A partir do meu cotidiano, pude construir uma narrativa com as visualidades que pairam sobre as minhas relações com a casa, com meu filho, os objetos que nos cercam por inúmeras razões, frações dos espaços de trabalho, e com minhas lembranças deflagradas também pelo mesmo cotidiano, em meu exercício de delimitar o que faria parte, ou não, desse diário.

Identifiquei a cor vermelha como representativa dos meus sentimentos naquele momento. Fiz desenhos usando pena e tinta nanquim na cor vermelha sobre papel vegetal (Figura1).



Figura 1. Diário Visual, *Terças Vermelhas*.
Desenho em nanquim vermelho sobre papel vegetal, Goiânia, 2014.

Assim, meu Diário Visual, *Terças Vermelhas* se corporificou em forma de um caderno grande (aproximadamente tamanho A3) com capa dura em tecido vermelho, recheado de marcadores com fitas de cetim vermelha, com folhas de papel vegetal desenhadas em vermelho e folhas de acetato costuradas como bolsos para anexar matrizes ou estudos para matrizes em gravura a partir do diário. (Figuras 2 e 3).



Figura 2. Diário Visual, *Terças Vermelhas*. Capa: Encadernação em capa dura e tecido, envolta em acetato e com fitas vermelhas como marcadores, Goiânia, 2014.



Figura 3. Diário Visual, *Terças Vermelhas*. Segunda Capa: Papel sulfite vermelho fosco, Goiânia, 2014.

1.1 O processo: entre escolhas e surpresas, um novo olhar para o meu cotidiano

O desafio de produzir um Diário Visual foi lançado pelo professor doutor Raimundo Martins durante a disciplina Teorias da Arte e da Cultura Visual, ministrada por ele no primeiro semestre de 2014.

A orientação inicial foi que escolhêssemos um dia da semana e durante um período desse dia (uma hora aproximadamente) fizéssemos uma espécie de registro, coleta visual com a liberdade de dar qualquer formato ao proposto diário. Optei por coletar acontecimentos, imagens e falas que ocorressem ao longo de um dia inteiro. Elegi o dia e durante várias semanas fui acumulando fragmentos de hábitos e outros por menores, onde ocultei alguns acontecimentos e exaltei outros. Foram feitos registros para a finalização e fechamento de um diário, eu diria uma micronarrativa do meu cotidiano em que “escolhi” fatos que pudessem contar a minha história durante aqueles dias demarcados. Considero que esse foi um processo criativo não apenas de anotações porque pude fazer escolhas e dar diferentes ênfases aos acontecimentos. A partir do meu cotidiano, pude construir uma narrativa com as visualidades que pairam sobre as minhas relações com a casa, com meu filho, os objetos que nos cercam por inúmeras razões, frações dos espaços de trabalho, e com minhas lembranças deflagradas também pelo mesmo cotidiano, em meu exercício de delimitar o que faria parte, ou não, desse diário.

Foi um recorte, contudo não se fechou apenas em imagens, pude fazer anotações escritas e sonoras paralelamente às anotações visuais. (Figura 4).



Figura 4. Diário Visual, *Terças Vermelhas*. Página com furos e escritos. Desenho em nanquim vermelho. Uso das transparências, e das sobreposições do desenho em papel transparente (vegetal) para compor a página. Goiânia, 2014.

Percebi durante as “escolhas” e “criação” das pequenas narrativas do meu cotidiano que as coisas se afunilavam se abrindo de forma irônica para o detalhe, para as singularidades e sutilezas. O interesse era falar de coisas simples, dentro de sua aparente insignificância para o resto do mundo e da grandeza que representavam para mim e para as pessoas que me rodeiam.

Nessa perspectiva, não havia a necessidade de criar algo “grandioso” e “eloqüente”, e sim falar de pequenas coisas, sem a preocupação de elaborar uma obra de arte, ou um trabalho aos moldes do rigor academicista e positivista.

Registrar imagens, assim como criá-las ou recriá-las pressupõe considerar o caráter nômade e transitório das imagens, pois, cada imagem só existe em função do momento, do posicionamento e do olhar que sempre possui várias mãos, várias direções e vários entrecruzamentos. John Berger elucidava sobre a questão do olhar e como ele nos situa diante do mundo: “Nunca olhamos para uma coisa apenas; estamos sempre olhando para a relação entre as coisas e nós mesmos.” (BERGER, 1999, p. 11).

Existe instabilidade dentro da essência de uma imagem, mesmo que ela esteja intimamente ligada a você em todo seu processo de aparecimento. Penso que a imagem é fadada ao seu constate desaparecimento e ressurgimento. Toda imagem nasce para morrer e morre para nascer, como em um processo de criação artística.

Na perspectiva pós-moderna, o cotidiano é ressaltado e o pensamento intelectual se volta para o indivíduo primeiramente e depois para a sua relação com o meio no qual está inserido. A ideia lançada é que estamos em constante processo e modificação, como numa zona de conexões elétricas, onde um elemento aciona o outro de forma horizontal, num jogo entre as diferenças, sem estabelecer maior importância a este o aquele elemento. O espaço/tempo se modifica, pois nada é sedimentado e as



ações são emergentes. A busca é por minar as hierarquias e os discursos totalizantes. Nada deve ser pautado em estabelecimentos e fixações. Nesse sentido afirma Aguirre:

Em meu juízo, a perspectiva da cultura visual está em ótimas condições para introduzir essas mudanças e dissensos nas configurações do sensível, mas acho que, para isso, deve avançar de uma posição fundamentada na valoração crítica da cultura a outra que deixe espaço à diversidade dos usos e das experiências, incluindo os relacionados ao afetivo e ao sensível. Nesta linha, vou argumentar no sentido de mostrar que as possibilidades de ação política através da arte ou da cultura visual não residem tanto na sua capacidade para transmitir mensagens ou sentimentos sobre o que nos rodeia, nem em sua capacidade de representar as estruturas da sociedade, dos conflitos ou das identidades sociais, mas nas oportunidades que oferece para a geração de dissensos no seio das políticas da estética hegemônica. Vendo assim, a missão educativa que cabe supor para a cultura visual não consistira tanto em evidenciar relações de poder, mas na provocação de rupturas nas configurações dos espaços e tempos do ver e do dizer. (2011, p.72).

A proposta de “criação” de um diário visual possibilita para “qualquer um” pensar de forma não linear sobre as imagens do cotidiano, sobre a própria vida, já que as escolhas permitem refletir e notar que não existe somente “isto ou aquilo” nas construções sociais, culturais e – porque não – políticas, mas a possibilidade de se considerar “isto e aquilo” em espaços que se localizam nas sutilezas e peculiaridades de cada um e se estendem para as relações entre o eu e o outro (ou os outros), onde o eu existe em relação aos outros.

Fayga Ostrower afirma que a sensibilidade “é uma porta de entrada das sensações” (2012, p. 11) que nos liga aos acontecimentos ao nosso redor, e é essencial à própria condição da nossa existência. Na “criação” do Diário Visual, pude vivenciar a minha própria vida de forma sensível e atenta, onde as aberturas de sensações se alargaram para invadir espaços de sentimentos nunca antes preenchidos.

Percebi uma mudança no meu próprio comportamento durante o período que me propus fazer o Diário Visual. Eu estava “olhando” mais, “ouvindo” mais, e estava prestando atenção em mim e em tudo que me rodeava. Voltei-me para mim, para o que era importante na minha vida naquele momento (Figura 5).

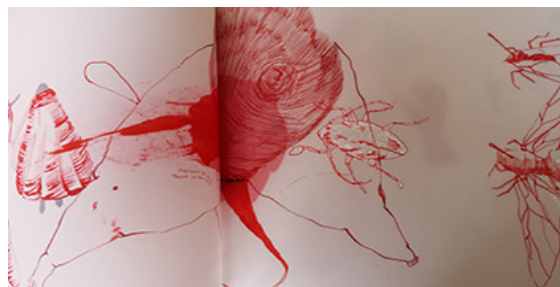


Figura 5. Diário Visual, *Terças Vermelhas*. Auto-retrato. Desenho em nanquim vermelho. Uso das transparências, e das sobreposições do desenho em papel transparente (vegetal) para compor a página. Goiânia, 2014.

Nossa existência no mundo é compartilhada com o ambiente, com as coisas e com outras pessoas. Esse compartilhar agrega informações ao nosso modo de ser/estar. O que nos possibilita gerar novas combinações, e novas interpretações acerca das nossas percepções. Vamos modificando o que vemos e sentimos no decorrer do processo.

Nesse procedimento me deparei com sentimentos de raiva, de angústia, de cansaço, de nostalgia e de irritação. Pouco os havia percebido, mas eram constantes e vieram à tona como abalos sísmicos, onde as camadas se mexem ou até mesmo emergem.

Referências Bibliográficas

AGUIRRE, Imanol. Cultura Visual, Política da Estética e Educação Emancipadora. In: MARTINS, Raimundo e TOURINHO, Irene (Org.). **Educação da Cultura Visual: conceitos e contextos**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2011.

BERGER, John. **Modos de ver**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.


CANCLINI, Néstor García. El Poder de las Imágenes – Diez preguntas sobre su distribución internacional. **Estudios Visuales 4** – Centro de Documentación y Estudios Avanzados de Arte Contemporáneo. Murcia, Enero 2007, p.37-55.

FERNÁNDEZ, Tatiana e DIAS, Belidson. Pedagogias Culturais nas Entre Viradas: Eventos Visuais & Artísticos. In: MARTINS, Raimundo e TOURINHO, Irene (Orgs.). **Pedagogias Culturais**. Santa Maria: Editora da UFSM (no prelo).

FLORES, Victor. 2. ACrença. 3. As crenças na visão. In _____: **A imagem Técnica e as suas Crenças** – A Confiança Visual na Era Digital. Lisboa: Nova Veja, 2012, p.37-74.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. **Pesquisa narrativa: concepções, práticas e indagações**. In: Anais do II Congresso de Educação, Arte e Cultura - CEAC. Santa Maria: 2009. pp. 1-12.

ISSN 2316-6479 I DE JESUS, S. (Org). Anais do VIII Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual: arquivos, memórias, afetos . Goiânia, GO: UFG/ Núcleo Editorial FAV, 2015.



MARTINS, Raimundo e SÉRVIO, Pablo. Polêmicas e indagações acerca de classificações da cultura: alta, baixa, folk, massa. In: **Visualidades** – Revista do Programa em Cultura Visual – Dossiê Cultura Visual 2, Vol. 10, N.1, Janeiro/Junho 2012, p.129-150.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da Cultura Visual**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 27. Ed. – Petrópolis-RJ: Vozes, 2012.

RANCIÈRE, Jacques. **A Partilha do sensível** – Estético e política. São Paulo: Editora 34, 2012.

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

Minicurrículo

Adriana é mestre em Cultura Visual pela Universidade Federal de Goiás (2008). Mestre em Patrimônio Cultural pela Universidade Católica de Goiás (2005). Graduada em Artes Visuais / Pintura pela Universidade Federal de Goiás (1992) e em Artes Visuais / Design Gráfico pela Universidade Federal de Goiás (1996). Licenciada em Artes Visuais UFG-EAD (2014). É professora do Departamento de Artes e Arquitetura da PUC-Goiás. Tem experiência nas áreas de Artes e Design, com ênfase em Pintura e Ilustração, atuando principalmente nos seguintes temas: Artes Visuais, Arte Educação, Literatura Infantil, Design Editorial, Jornalismo, Ilustração, Desenho e Pintura. Possui livros publicados na área de literatura infantil.